

S/N

(segundo o programa S/N pode significar signal/noise, slave/nympho, Shakespeare/Newton ou some/none)

Texto sobre espetáculo S/N do Grupo Japonês Dumb Type, Teatro Sesc Consolação, São Paulo

por Cássia NAVAS

A maior parte das estranhezas propostas por S/N (Dumb Type, 50. Festival Internacional de Artes Cênicas/Teatro Anchieta) são as não-estranhezas. De cara, o aparato “multi-tecnológico” dá a impressão do efeito ‘multi’ e remete às performances históricas, que juntavam vídeos, corpos, cenários, vozes, música pop ou rock. Tudo já visto, pensa-se com um certo tédio, causado pela repetição do tecnológico pelo tecnológico, do poder da técnica pela técnica.

Após esse primeiro momento, vem a pergunta: mas será que isso é tudo? Também é, mas num outro contexto, ou contextos.

O trabalho se estrutura em três espaços básicos : o proscênio, um muro/palco que o separa do resto do palco, e o que sobra deste último para trás, não vislumbrado, campo de aterrissagem dos atores, em suas constantes quase-queda livres.

Na superfície do espaço muro/palco estão os telões, que nos trazem o que se poderia considerar um roteiro da obra, uma tentativa de encadeamento das cenas, também proposto pela enunciação ao vivo de um longo texto, brilhantemente lido em português. Nos telões aparecem textos e cenas curtas, uma entrevista com *Bubu* a “sex worker”/atriz do espetáculo e o criador da obra, que fala sobre a aids e preconceito, enquanto se transveste em cantora loira.

A aids é componente do espaço poético do espetáculo. Não é um espaço catastróficamente antropofágico, mas que se anuncia limpamente trágico, através da redundância da nomeção. E é assim que o discurso da segregação aparece, organizado e claro, pois os rótulos -homossexual, macho, HIV, estão literalmente colados nas gentes e nas coisas.

Na delimitação das fronteiras da tribo sobre a qual se predominantemente se fala - os homossexuais, é onipresente : rótulos, fala sobre os rótulos, explicações e mais explicações, gente representando gente, representando gente, represenando gente..... num fragmentado muito linear, fechado, girando sobre o próprio eixo. Excluídos tratando excludamente aqueles que não são de seu universo, em saturações do “politicamente correto”.

Entretanto, num determinado momento, um ator surdo-mudo começa a falar na língua que é só dele. Nesse momento, fecha-se um círculo dramático em torno do que ele “não fala” ,durante os cinco minutos em que permanece à frente

do microfone, discursando em um granelô sem tradução. A falta de tradução é a chave para o resto do espetáculo.

A partir daí, percebe-se que talvez essa performance não seja tão 'performance' assim e que o politicamente correto japonês passe por outros canais, menos ou mais maniqueístas que os do mundo ocidental, mas de qualquer forma diferentes ou 'estranhas'.

Os resíduos dessa especificidade estavam espalhados por todos os cantos, mas como coisas 'não-estranhas': corpos estrangeiros, riqueza dos suportes tecnológicos, língua ininteligível para muitos - o japonês. Quando o rapaz surdo-mudo começa a falar, recebemos um pacote de índices dessa especificidade e de suas fronteiras.

Dois interessantes discussões sobre essas últimas estão aqui-presentes em duas cenas especialmente arquetípicas. Na primeira delas uma câmera de endoscopia serve como vídeo-filmadora e janela de um guichê de alfândega, e depois de um hilariante interrogatório a turista acaba por rasgar o seu passaporte.

Na outra há o parto de uma coleção de pavilhões internacionais, que sucessiva e surpreendentemente se apresentam como uma poética enfiada de bandeirinhas de festa junina, saindo de dentro de uma das intérpretes.

São especificidades penduradas na mesma corda, linha otimista de significações encadeadas.

Cássia Navas

São Paulo, outubro de 1995